

O intelectual que nasceu de uma piada: o filósofo

Barbara Botter¹

Resumo

O objetivo do nosso artigo é fornecer uma idéia do “gênio filosófico” de acordo com o pensamento dos antigos. Não sendo possível fornecer uma descrição, iremos percorrer o caminho do mito para chegar a nossa meta. O artigo está dividido em três partes. Em primeiro lugar, iremos apresentar uma interpretação da função do mito na *Republica* de Platão. Em seguida, iremos contar a anedota de Tales narrada por Sócrates no *Teeteto* de Platão, para então fornecer, na última parte, um retrato do filósofo.

Palavras chave: mito, filósofo, símbolo.

Estratto

L’obiettivo del nostro articolo è quello di fornire una idea del temperamento próprio di quella “strana” figura intellettuale que é il filosofo, per lo meno secondo La visione degli antichi. Non essendo possibile dare una descrizione, raggiungeremo la meta percorrendo la strada del mito. L’articolo è suddiviso in ter parti. Dapprima presenteremo una interpretazione della funzione del mito nella *Repubblica* di Platone; in seguito, racconteremo l’aneddoto di Talete di Mileto presente nel *Teeteto* di Platone. Infine, cercheremo di tracciare um ritratto del filosofo.

Parole chiave: mito, filosofo, símbolo.

O mito e sua função na República de Platão

É difícil definir com precisão a função do mito em Platão, e ainda mais difícil é apontar para aquilo que o filósofo entende com o termo *mythos*, visto que sem dúvida o sentido desta palavra é mais abrangente que o sentido da tradução português do termo: “mito”. Em alguns diálogos o termo *mythos* é contraposto ao termo *logos*, ao passo que em outros o mesmo termo se encontra como sinônimo de discurso racional utilizado para esclarecer um fenômeno físico ou biológico. Ademais temos casos em que a palavra *mythos* em Platão tem o rigor de validade como discurso que mostra determinada realidade, apesar de não ter a mesma exatidão de uma explicação epistêmica. Para os nossos fins, não é preciso pormenorizar a noção de *mythos* no interior dos escritos do filósofo grego, basta ter em mente uma noção geral da palavra: qualquer conto, história ou descrição,

¹ Barbara Botter é Professora da UFES. E-mail: barbarabotter@gmail.com

conveniente na explicação de um fenômeno, ou na apresentação de determinado acontecimento.

Entretanto, não é o sentido do termo em si que suscita o nosso interesse aqui, mas sim sua função nos diálogos de Platão, especialmente, na *República*. Como escreve Marcus Reis Pinheiros², Platão neste diálogo destaca o poder de persuasão do mito, ao ponto que o ato de contar mitos para as crianças se torna uma etapa fundamental ao longo do processo educativo. Na parte final do livro II da *República*, Sócrates persuade “as mães e as amas-seca a contar para as crianças e a moldar (*plattein*) as almas delas com mitos muito mais do que seus corpos com as mãos”³. As mães e as amas devem contar histórias (*mythoi*) às crianças para “modelar suas almas”.

A passagem citada se encontra ao longo da descrição do tipo de educação mais proveitoso pelo guardião, sendo esta constituída de dois momentos: a ginástica pelo corpo e a *musiké* pela alma. O termo *musiké* inclui não apenas música, mas também poesia, visto que Sócrates destaca que na *musiké* sempre há *logos*. Especificando qual é o tipos de *logos* mais apropriado à educação dos guardiões, o grupo social do qual serão escolhidos os guardiões perfeitos, Sócrates distingue *logoi* verdadeiros e *logoi* falsos. Como diz Pinheiro, citando Platão, “os falsos são mitos que como um todo são falsos, mas há alguma verdade neles também”⁴.

Dada a aproximação entre a infância e a alma desejante, sendo a alma desejante a única que é realmente desenvolvida na criança⁵, é possível pensar aos mitos numa forma parecida aos *fantasmas* enviados pelo intelecto para a alma que deseja, de modo que ela possa alcançar “alguma verdade”⁶. No *Timeu* 70-73, Platão informa que junto da alma imortal e divina situada na cabeça, o corpo é moradia também para a parte mortal da alma, constituída de uma parte melhor, capaz de escutar e auxiliar a razão, e de uma parte pior, totalmente surda à razão.

² Pinheiro 2003, p. 127. Na primeira parte de nosso artigo utilizaremos a preciosa contribuição de Marcus Reis Pinheiro, *Formas de interpretar “mito” em Platão e na contemporaneidade*, <Boletim do CPA>, Campinas n. 15, 2003, a qual apresenta de forma clara e persuasiva a função do mito na *Republica* de Platão.

³ Plat. *Rep.* 377c.

⁴ Pinheiro 2003, p. 129; Plat. *Rep.* 377a5-6.

⁵ Cf. Brisson 1994, p. 103.

⁶ Pl. *Timeu* 71a-e.

A primeira é a parte que “*participa da coragem e da ardor*”⁷, a segunda é a parte desejante, incapaz de prestar atenção a outras coisas que não sejam imagens e simulacros⁸. Para evitar que a alma desejante consiga subjugar a outra sub-espécie da alma, entregando assim o homem aos prazeres descontrolados, o intelecto deve encontrar uma maneira de entrar em contato com a alma desejante, o animal policéfalo da *República*, para educá-la até onde isso for possível. Para tanto, o intelecto envia “*como em um espelho*” para a sede física da alma desejante, o fígado, os *fantasmas*, os quais ora assustam, ora apaziguam a alma desejante que “*apesar de incapaz de atentar para raciocínios, pode assim alcanças, na medida em que lhe é possível, alguma verdade*”⁹.

Acredito que temos aqui importantes passagens para entender a função dos discursos falsos em Platão, os quais incluem os mitos, os *fantasmas*, e as “boas mentiras”¹⁰. Apesar do conteúdo dos mitos, dos fantasmas ou das mentiras não apresentar uma realidade, suas enunciações produzem no ouvinte certo tipo de comportamento, reputado por Platão como uma atitude correta. Isso significa que, como observa justamente Pinheiro¹¹, os mitos têm como objetivo aquele de persuadir seu ouvinte moldando a alma dele de tal modo que ela produz o comportamento desejado. A verdade do mito, do *fantasma* ou da mentira boa não é a correspondência com a realidade, mas sua funcionalidade. Assim como no caso das boas mentiras na passagem 414c da *Republica* o mito é o jeito encontrado por Platão para modelar a alma do ouvinte e condicionar seu modo de pensar. A maneira como o mito molda a alma não difere do modo como o escultor molda a matéria plástica, por exemplo, o mármore em vista da produção de uma estátua.

Continua Sócrates,

Você não sabe que o princípio de toda obra é o mais importante, especialmente para alguém jovem e gentil? Pois é então que mais ainda um typos é moldado (plattô) e colocado sobre (enduô) ele, qualquer typos que se queira imprimir em cada jovem¹².

⁷ Pl. *Timeu* 70a.

⁸ Pl. *Timeu* 70e-71a; Cf. Desclos 2001/2002, p. 11.

⁹ Pl. *Timeu* 71a-e.

¹⁰ Pl. *Rep.* 382D, 389b, 415a.

¹¹ Pinheiro 2003, p. 129.

¹² Pl. *Rep.* 377b.

O que Sócrates quer dizer aqui é que a impressão desejada (um *typos* específico) é moldada na alma através do mito. O verbo grego *plattô* que está na raiz do termo português “plástico”, indica propriamente a habilidade que um agente externo tem de moldar uma matéria e a capacidade de um material de ser moldado, quer dizer, de assumir formas diferentes de acordo com as influências que padece. Sócrates está aqui assumindo a idéia que a alma é uma substância capaz de ser afetada pelas influências externas, ao ponto que ela se comporta de acordo com o molde que foi impresso nela. Devido à influência exercida pelo mito, a alma “veste” (*enduô*) desde a infância uma segunda natureza, da qual depois não consegue facilmente se despír ou desvencilhar¹³. Assim sendo, a alma agirá de acordo com o *typos* que vestiu quando jovem. Acreditamos que Platão na *Republica* tenha esclarecido abundantemente a função que ele atribui ao mito, destacando a força que este tipo de conto tem no ato de influenciar o modo de pensar dos ouvintes.

O ingresso triunfal da filosofia: uma piada

Passando agora para a segunda parte da nossa apresentação, acreditamos que seja legítimo afirmar que a filosofia ingressou no mundo ocidental com uma piada, ou para ser mais caridosos com um mito, só que o sentido deste mito está num equilíbrio instável entre o irônico e o serio. E foi exatamente através deste mito que foi “moldada” a alma de muitas gerações a respeito do “gênio” do filósofo e do sentido da filosofia.

Afinal, quem é o filósofo? Quando ele nasceu? Será que nasceu de uma piada?

No *Teeteto*, Platão descreve o que aconteceu com o celebre filósofo Tales¹⁴:

Foi o caso de Tales, quando observava os astros; porque olhava para o céu, caiu num poço. Contam que uma decidida e espirituosa rapariga da Trácia zombou dele, com dizer-lhe que ele procurava conhecer o que passava no céu, mas não via o que estava junto dos próprios pés.

Essa pilheria se aplica a todos os que vivem para a filosofia”.¹⁵

¹³ A imagem da alma capaz de vestir uma segunda natureza, sua natureza moral, será utilizada mais tarde por Aristóteles. Ver o livro VII da *Ética Nicomaqueia*.

¹⁴ A história de Tales é citada também por Esopo e Diógenes Laertius.

Eis o primeiro filósofo, Tales de Mileto, o protótipo do filósofo, o “*protofilósofo*”. Nasceu no século VII a.C., viveu entre os séculos VII e VI a.C., e foi o fundador da escola de Mileto, uma cidade da Jônia, na Ásia Menor. Segundo a tradição, ele foi o primeiro físico grego, o primeiro investigador da natureza, porque foi o primeiro a tratar o problema da origem do mundo e da transformação e conservação de todas as coisas, mas, por enquanto, não somos interessados à teoria de Tales. O que nos interessa é o sentido da anedota que o filósofo Platão faz contar por o filósofo Sócrates no dialogo *Teeteto*¹⁶.

Tales, em certa noite, caminhando com os olhos voltados para o céu, ou seja, ao observar as estrelas, tropeçou e caiu num poço, ao que uma jovem criada da Trácia, que presenciou o acidente, se riu dele dizendo: tu pretendes conhecer as coisas do céu, mas não percebes o que estás sob os teus pés. Então ela chamou o filósofo de pessoa distraída para as coisas práticas da vida e perdido em pensamentos abstratos. O sentido do mito parece evidente já a uma primeira leitura: trata-se de uma reflexão auto irônica dos filósofos sobre se mesmos. O filósofo é uma pessoa perdida em pensamentos abstratos e longe do viver cotidiano (... *Tales havia os olhos voltados para o céu ...*, sublinha Sócrates). Por isso, ele não se dá conta do que está sob os seus pés. Assim foi que o Tales tropeçou e caiu num poço. Ele aparece, portanto, não apenas uma pessoa distraída, mas também ridícula. Hoje também é comum, no meio social de negar à filosofia o estatuto de um saber verdadeiro sobre a vida. Considera-se alienado aquele que se volta para questões filosóficas. Chega-se a tal descrédito que a atitude de quem pensa parece própria a uma pessoa desligada¹⁷.

A historia que vê como protagonista o filósofo Tales é peculiar: o filósofo é estimado ridículo pelo fato de cair num poço. Ademais, quem repara o acontecido e zomba dele é uma criada, isto é, uma pessoa alheia a qualquer ciência, uma pessoa que muito dificilmente está interessada na cultura. A anedota parece dizer que a sabedoria pratica do povo é bem mais útil que a sabedoria abstrata do filósofo. Não é à toa que a historia tem como protagonista aquele que é considerado o primeiro filósofo, querendo assim indicar que o “pecado original”

¹⁵ Platão, *Teeteto* 174a.

¹⁶ Ver Mancini, Battistin, Marini 2002, vol. 1, *Dall'Antichità alla fine del Medioevo*, unità 1.

¹⁷ Hünhe 2006, p. 33.

passa depois para a tradição filosófica inteira. Com efeito, Sócrates conclui: “*Essa pilheria se aplica a todos os que vivem para a filosofia*”.

Como observa Leda Miranda Hüne, ao ridicularizar o filósofo se pretende valorizar o homem da ação, do cálculo, da tecnologia, da economia. Na comparação, quem quer pensar no sentido das coisas é alguém que não tem senso prático, astúcia para enfrentar o lance das vendas, das trocas, dos prazeres. Alguém que vive distante do mundo dos negócios e da vida ativa da cidade. E o fato do pensador estabelecer distanciamento com o real imediato passa no mundo social por marginalidade¹⁸. O filósofo é uma pessoa que tem afinidade com a sabedoria, tem amor ao saber, e por isso corre o risco de não ser entendido; e tanto mais ele tem sucesso na sabedoria, tanto menos as pessoas comuns o entendem e o apreciam.

É preciso observar que Sócrates, ao narrar a história, não se mostra incomodado pela reação da criada, e tampouco se sente ofendido como se sua dignidade de filósofo estivesse sido manchada. Muito pelo contrário, é ele mesmo que declama o acontecido pelo seu interlocutor Teodoro, de maneira tal que o jovem possa reconhecer o verdadeiro jeito de proceder da filosofia, a qual despreza a superficialidade do mundo cotidiano, as fofocas da praça, a esperteza do povo, seu interesse pelo dinheiro e pelo poder. A postura do filósofo merece ser elogiada, diz com dignidade Sócrates, pois é a postura própria do homem que saboreou o prazer vida e tomou a devida distância com o nível mercenário da sociedade¹⁹.

Sócrates não parece querer desmentir a crítica da rapariga, mas confirmá-la: pelo fato de conseguir manter certa afinidade e aproximação com o sentido das coisas e com as realidade mais elevadas, a filosofia pode tornar verdadeiramente feliz o ser humano, pois consegue desviar o olhar do sujeito das coisas terrestres para elevá-lo até a altura dos deuses. A felicidade é, de acordo com Platão e com os gregos em geral, uma forma de “boa vida”, mas não no sentido subjetivo de bom para mim (embora também inclua este aspecto), mas de verdadeiramente bom, o que implica a noção de virtude, que permite a apreensão do verdadeiro bem.

¹⁸ Cf. Hüne 2006, pp. 33-35.

¹⁹ Platão, *Teeteto* 175e-176a.

O ideal de vida aqui imaginado pelos filósofos é sem dúvida cheio de fascinação e de sugestão, porém, não está ausente de insídias cuidadosamente ocultadas para além do brilho das palavras. Entre outras coisas, a falta de reconhecimento da finitude humana e o perigo de cair em uma racionalidade focada em si mesma, a qual se acredita onipotente.

As interpretações da anedota do Teeteto

A queda do proto-filósofo num poço é a prefiguração de um destino que ameaça o pensamento filosófico em todas as épocas²⁰.

Tertuliano um filósofo cristão dos séculos II-III d.C., retomou a anedota de Platão e conferiu uma interpretação desfavorável à razão filosófica. O filósofo pagão, neste caso Tales, dá uma importância demasiada ao *logos* e esquece a palavra de Cristo. Na anedota que conta Tertuliano não há uma criada Trácia que dá uma risada do filósofo, e sim um pensador egípcio. Isso pelo fato que os primeiros padres cristãos indicaram a origem egípcia e não grega da sabedoria e das ciências. Os pensadores judaicos e os padres cristãos consideraram a sabedoria dos gregos uma sabedoria inferior à sabedoria egípcia.

Na modernidade, o filósofo inglês Francis Bacon aproveita da anedota de Tales para mostrar que a técnica e a ciência prática são bem mais úteis do que o saber abstrato e teórico dos primeiros filósofos gregos.

A queda de Tales se tornou também o símbolo do esquecimento que levará o filósofo a se perder, às vezes, num racionalismo abstrato e fechado. Sócrates e Platão não aproveitam o ensinamento que se esconde atrás as palavras da criada de Trácia, pois estão persuadidos que para conhecer o homem na profundidade da sua essência é preciso ignorar o lado mais concreto e passional dele para se concentrar na função própria do homem: o bom uso da razão²¹.

²⁰ Para uma breve resenha das interpretações da anedota, ver Mancini, Battistin, Marini 2002, vol. 1, *Dall'Antichità alla fine del Medioevo*, unità 1.

²¹ Com isso não queremos reduzir Platão a um pensador puramente metafísico, perdido no mundo das Ideias, como se quiséssemos concentrar o pensamento platônico ao conteúdo do *Fedon* e ignorando os outros diálogos. Estamos apenas descrevendo em uma forma muito geral um dos caminhos que a filosofia antiga abriu para o pensamento e a reflexão filosófica posterior.



Como escreve Hans Blumemberg²², com a tomada de posição de Sócrates e Platão a filosofia cai em uma possível armadilha: a determinação da virtude através da sabedoria, ou pior a redução da virtude à sabedoria.

O acidente ocorrido a Tales perde sua conotação divertida e pode se tornar um problema serio. A aposta em jogo é grande: o perigo que a filosofia, desde sua origem, manifeste desinteresse ou mesmo desprezo pela vida do cotidiano para se colocar à busca das coisas supremas e de um conhecimento que desafia a sabedoria divina.

O sintoma deste desvio se faz presente também naquelas interpretações da anedota do *Teeteto* platônico que se declaram mais favoráveis à filosofia dos antigos gregos, como é o caso da leitura que Nietzsche realiza na obra *A filosofia na época trágica dos gregos*.

No século XIX o filósofo Friederich Nietzsche retoma a historia de Tales, mas fornece uma interpretação totalmente diferente daquela de Tertulliano ou de Bacon e bem mais propícia para o destino da filosofia grega antiga. “*Exatamente graças à Tales*”, afirma Nietzsche:

... é possível aprender como procedeu a filosofia, em todos os tempos, quando queria elevar-se a seu alvo magicamente atraente, transpondo as cercas da experiência. Sobre leves esteios, ela salta para diante: a esperança e o pressentimento põem asas em seus pés. Pesadamente, o entendimento calculador arqueja em seu encaço e busca esteios melhores para também alcançar aquele alvo sedutor, ao qual sua companheira mais divina já chegou.

Dir-se-ia ver dois andarilhos diante de um regato selvagem, que corre rodopiando pedras; o primeiro, com pés ligeiros, salta por sobre ele, usando as pedras e apoiando-se nelas para lançar-se mais adiante, ainda que, atrás dele, afundem bruscamente nas profundezas. O outro, a todo instante, detém-se desamparado, precisa antes construir fundamentos que sustentem seu passo pesado e cauteloso; por vezes isso não dá resultado e, então, não há deus que possa auxiliá-lo a transpor o regato. O que, então, leva o pensamento filosófico tão rapidamente a seu alvo? Acaso ele se distingue do pensamento calculador e mediador por seu voo mais veloz através de grandes espaços? Não, pois seu pé é alçado por uma potência alheia, alógica, a fantasia. Alçado por esta, ele salta adiante, de possibilidade em possibilidade, que por um momento são tomadas por certezas; aqui e ali, ele mesmo apanha certeza em vôo. Um pressentimento genial as mostra a ele e adivinha de longe que nesse ponto há certezas demonstráveis. Mas, em particular, a fantasia tem o poder de captar e iluminar como um relâmpago as semelhanças. Mais tarde, a reflexão vem trazer seus critérios e padrões e procura substituir as semelhanças por igualdades, as contigüidades por causalidades²³.

²² Cf. Blumemberg 1988, p. 27.

²³ Nietzsche, 1972, p. 37, tradução do autor.

A visão de Nietzsche é uma visão romântica da filosofia. A filosofia alcança mais rapidamente o fim graças à genialidade das suas intuições. Contudo, é o desinteresse para a vida pessoal e propriamente humana que leva o filósofo a se ocupar dos eventos que, segundo o filósofo Nietzsche, mais merecem a sua atenção, a saber, os eventos maravilhosos e divinos. O perigo de a filosofia esquecer o homem em carne e ossos se concretizou bem além de Sócrates e Platão.

O fato de que não seja imediato e, às vezes tampouco possível, alcançar o ponto de vista filosófico a partir do mundo da vida cotidiana, faz com que a filosofia às vezes “seja algo privado de sentido” (Heidegger)²⁴. Na anedota de Platão, é evidente que o filósofo não entende a razão da risada da criada e a “risada” que o filósofo dá como resposta à postura da jovem de Trácia é privada de sentido. De certa forma, ambos não sabem o que estão fazendo: a criada não sabe o que é a filosofia e o filósofo não entende a razão pela qual ele aparece ridículo diante do olhar do povo.

O que é certo é que se desenvolveu no seio da tradição filosófica uma impositação metafísica que se torna alvo de derrisão diante da sociedade. E não se trata apenas de um vezo de Sócrates ou de Platão. Kant, por sua vez, se sentirá obrigado a tomar certa distância da arbitrariedade das vivências humanas para fundamentar a validade universal do imperativo moral. E diríamos, sem com isso querer desconhecer a profundidade e importância da ética kantiana, que há algo “irônico” (no sentido da *ironia* da criada de Trácia) no imperativo kantiano.

E do possível destino profetizado na risada da espirituosa criada (“.... *Essa pilheria se aplica a todos os que vivem para a filosofia ...*”) tampouco escapa a fenomenologia de Husserl, no seu ato de recusar qualquer peculiaridade antropológica²⁵.

De acordo com as palavras de Cucci²⁶, o lugar no qual Tales tropeça é significativo. Simbolicamente, o poço bem se presta a simbolizar uma parte do sujeito que corre o risco de passar despercebida pelo filósofo. De acordo com Cucci, o poço representa a profundidade da psique. Consoante com esta linha

²⁴ Estas palavras de Heidegger são mencionadas por Blumemberg 1988, p. 159.

²⁵ H. Blumemberg, *Poetik und Hermeneutik*, Bd. VII, 14 ss., in G. Cucci 2008, p. 126, n. 8.

²⁶ Cucci 2008, p. 126.

interpretativa é possível destacar duas perspectivas antitéticas no interior da piada contada por Sócrates: a razão *versus* a risada; o céu *versus* a profundidade; a essência *versus* a existência encarnada; o universal *versus* o particular; o sábio *versus* a criada.

Há também outro detalhe indicativo no incidente ocorrido a Tales.

Blumemberg e Berger observam que a criada era de origem trácia. A Trácia, como se sabe, é o lugar do rito de Dioniso. Dioniso representa, de acordo com Nietzsche, um lado importante da civilização grega. O nome do deus está relacionado ao culto do júbilo sem limite, da dança descontrolada, do instinto livre e quase violento²⁷.

Na risada da criada trácia não há apenas a exibição de um caso divertido, protagonizado por um intelectual perdido na esperança de descobrir quantos anjos sentam na ponta de uma agulha, ou a medir matematicamente a pata de uma pulga ou a observar o zumbido de uma mosca, como diz Erasmo de Roterdã no *Elogio da Loucura*. O episódio de Tales foi lido como uma vingança da parte profunda e imprevisível do sujeito contra quem pretende reduzir o homem à pureza da razão²⁸.

Esta possível interpretação do mito de Platão não nasceu com Blumemberg nem com Nietzsche. Em um instigante ensaio Montaigne já detectou a peculiaridade do caso ocorrido a Tales e a advertência contida nele²⁹. Em seus *Ensaio*s Montaigne agradece a rapariga da Trácia, a qual, reparado que Tales está perdido em reflexões abstratas, coloca na frente dele um obstáculo, de modo que o filósofo tropeça e cai. De acordo com a leitura de Montaigne, trata-se aí de um aviso, de modo que o filósofo não esqueça que pode observar o céu só após ter respondido às questões que estão mais próximas dos seus pés. De certa forma, segundo a leitura de Montaigne, a criada adverte o filósofo da importância de voltar os olhos para si mesmo antes de procurar as coisas que estão no céu.

²⁷ Cf. M. Pohlenz, *L'uomo greco*, Firenze 1986, pp. 104-105, mencionado por Cucci 2008, p. 127.

²⁸ A redução do homem à racionalidade parece representar o objetivo de Sócrates no *Crito*, especialmente 46b e no *Mênon* 89b: “E se passamos às coisas que pertencem à alma, tudo que nela deve ser bom depende da própria razão”.

²⁹ M. de Montaigne, *Saggi*, II 12, Firenze, 1965, p. 552, mencionado por Cucci 2008, p. 126.

Se o filósofo não aceitar sua essência encarnada e a corporeidade de seu lado emocional, correrá o risco de perder ao mesmo tempo sua capacidade de ironizar, se tornando sem querer objeto de derrisão.

O mesmo perigo foi frisado por Erasmo de Rotterdam, o qual ao longo da obra *Elogio da Loucura* declara de ter medo daqueles filósofos que nutrem a ilusão de estar na posse da totalidade das explicações, saltando para além dos particulares concretos e dos detalhes³⁰. Assim sendo, a advertência disfarçada na risada da rapariga, além de tornar ridícula a presunçosa vaidade do filósofo, que esqueceu sua natureza corporea, introduz um procedimento filosófico que terá muita fortuna a partir de Sócrates: a ironia.

Querendo exemplificar, podemos caracterizar a ironia socrática como uma crítica decidida e espirituosa dirigida contra quem toma a sua própria postura em uma maneira demasiadamente seria e esquece as humildes, mas preciosas, palavras da criada.

A risada eclode na forma de uma crítica do povo diante de uma sabedoria excessivamente precisa e abstrata e, por isso, incapaz de discutir a realidade do mundo cotidiano. Se a filosofia não presta ouvido à sugestão mascarada na risada da criada corre o risco de se tornar coisa de lunático, um saber inútil, uma evasão capaz de construir raciocínios coerentes e até mesmo elegantes, porém, incapaz de se situar no mundo.

Não obstante, a situação dramática que acabamos de descrever é uma das armadilhas em que a filosofia, por sua natureza, corre o risco de cair, mas não é seu destino natural.

A filosofia é coisa seria, trabalhosa, requer esforço de compreensão, mas não para penetrar o estratosférico Iperurano dos conceitos abstratos, ou a obscuridade dos compêndios dos filósofos. A filosofia está ciente que há muitas mais coisas para indagar entre o céu e a terra do que acima do céu. A tarefa da filosofia é aquela de entender, na medida do possível, o mundo complexo em que vivemos, cuja compreensão é fonte de problemas pelo fato que as idéias emprestadas da ciência, do mundo dos negócios ou mesmo dos dogmas teológicos não ajudam a interpretá-lo. A filosofia exige uma análise reflexiva da experiência

³⁰ Erasmo de Rotterdam, *Elogio della follia*, Milano 1989, p.103, mencionado por Cucci 2008, p. 128.



cotidiana, o desmonte de conceitos que são transmitidos, muitas vezes repetidos, e interiorizados no âmbito da linguagem.

É verdade que posições como aquelas descritas acima, que visam a certo estranhamento do mundo real, estão presentes na filosofia desde a Antiguidade, porém, a filosofia não se reduz a isso. No livro *O Mundo de Sofia*, Jostein Gaarder expõe uma situação figurativa para ilustrar o que é a filosofia e o ser filósofo. Ele nos trás o exemplo de um mágico que retira de sua cartola um coelho que simboliza o mundo. Na base dos pelos de coelho existem “bichinhos microscópicos”, são os homens, ou seja, as pessoas que estão acostumadas com o mundo em que vivem e que só enxergam o comum. As pessoas comuns estão acomodadas no conforto da pelagem do coelho, aceitando as coisas como são. O filósofo, por sua vez, sobe da base para as pontas dos pelos do coelho em busca do incomum³¹.

A filosofia não é o jeito encontrado pelo homem para fugir da realidade e se esconder no mundo estratosférico das Idéias. O ato de filosofar é uma reflexão, uma volta da consciência sobre si mesma a partir da experiência da vida. Como diz Michel Foucault:

Mas o que é o filosofar hoje em dia – quero dizer – a atividade filosófica – senão o trabalho crítico do pensamento sobre o próprio pensamento? Se não consistir em tentar saber de que maneira e até onde seria possível pensar diferentemente em vez de legitimar o que já sabe?³².

O filósofo recusa a visão cotidiana de um mundo de rotina onde tudo funciona mecanicamente, assim como recusa o modo redutor, esquematizador que o cientista tem de lidar com o real.

(...) É preferível pensar sem disto ter consciência, de uma maneira desagregada e ocasional, isto é, participar de uma concepção de mundo imposta mecanicamente pelo ambiente exterior ou é preferível elaborar a própria concepção de mundo de uma maneira crítica e consciente e, portanto, em ligação com este trabalho do próprio cérebro, escolher a própria esfera de atividade, participar ativamente na produção da história do mundo, ser o guia de si mesmo e não aceitar do exterior, passiva e servilmente, a marca da própria personalidade?³³

³¹ In “Elaboração de atividade de filosofia. Atividades de introdução à filosofia e filosofia política”, Universidade de Santa Maria, RS, 2009, p. 2. Acadêmicos: Ariana, Camila, Lisiane, Mateus, Rafael A. e Tânia.

³² Foucault 1984, p. 58.

³³ Gramsci 2006, p. 76, mencionado por Hühne 2006, p. 65.

Conclusão

A história das interpretações do mito que o filósofo Platão faz contar para o filósofo Sócrates no *Teeteto* é um símbolo da filosofia e da relação que a filosofia tem para com o mundo natural e social. O estudo da filosofia é visto ora como um estudo de difícil acesso, que fica num campo especializado habitado por profissionais que se fecham em grupos, muitas vezes, elitistas; ora como um estudo inútil e supérfluo, visto que não serve para ganhar a vida³⁴.

Não há dúvida que a atitude do filósofo não é a mesma do mercenário, o qual reduz a existência à busca pelos meios para alcançar com sucesso ganhos financeiros. A atitude do filósofo difere também daquela do homem de ciência, o qual busca a clareza das respostas por meio de demonstrações racionais científicas. Ao contrário da ciência, a filosofia é um tipo de saber que sempre disputa, instiga, põe em discussão e se põe em discussão, questiona os valores e não oferece respostas prontas. Não cabe ao filósofo dar as últimas respostas sobre a realidade. A filosofia consiste na produção de argumentos para mostrar que uma resposta ou é parcial, ou confusa, ou contraditória, ou mesmo errada e por visar a persuadir o interlocutor do erro cometido e da necessidade de prosseguir na investigação. A filosofia representa a primazia da busca; para cada resposta obtida, a filosofia duvida. O conhecimento filosófico não é um estado, o estado da ciência, o estado da sabedoria dogmática, mas é um processo, uma busca, uma procura, mais precisamente, o reconhecimento incessante de que a cada conhecimento obtido uma nova pergunta se abre. Isso não significa que uma resposta não exista, e sim que deve sempre ser procurada e que sempre será maior do que nós. O fato de que nós sabemos sobre as coisas foi apontado como o maior de todos os mistérios. No nosso século, o filósofo da ciência Karl Popper, pensou no conhecimento como sendo a “maravilha suprema do universo” e o filósofo alemão Husserl denominou o encontro entre a razão e a realidade como “o enigma dos enigmas”.

É diante do enigma e da incompreensão frente o mundo incomensurável ao redor de nós, que eclode uma risada: a filosofia se manifesta quando uma risada irrompe inesperadamente. Lembramos daquele jovem físico, ao qual aconteceu de presenciar uma aula do grande filósofo alemão Martin Heidegger

³⁴ Cf. Hühne 2006, pp. 33-34.

inteiramente devotada à lógica. Após da aula, o jovem físico segurou o respiro por um instante e com surpresa dos presentes exclamou: Eis a filosofia! Não entendi uma única palavra, mas isso mesmo é a filosofia!³⁵

Bibliografia

Blumemberg, H., *Il riso della donna di Tracia*, Bologna: Bollati e Boringhieri, 1988, p.27.

Brisson, L., *Platon, le mots et les mythes*, Paris: La Découverte 1994.

Cucci, G., *Filosofia e Psicologia della persona*, <Gregorianum 90, 1, 2009, pp. 123-142.

Desclos, M.-L., *É possível ser corajoso e justo sem ser sábio?*, Kléos n. 5/6, 2001/2002, pp. 1-27.

Focault, M., *História da sexualidade II, O uso dos prazeres*, Rio de Janeiro: Edições Graal 1984.

Gramsci, A., *A concepção dialética da história*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2006.

Hadot, P., *O que é a filosofia antiga*. Rio de Janeiro: Loyola, 1999.

Heidegger, M., *O Caminho do campo*. Trad. Ernildo Stein. São Paulo: Editora Vozes, 1969.

Hühne, L. M., *Filosofia. Introdução ao pensar*, Rio de Janeiro: UAPÊ 2006.

Jones, P. V., *O mundo de Atenas. Uma introdução à cultura clássica ateniense*. Trad. Ana Lia de Almeida Prado. São Paulo: Martins Fontes, 1997.

Lebrun, G., *Por que filósofo?* In Estudos CEBRAP São Paulo, 1976. V. 15, p. 148-153. Lyotard, J. F. *O Pós-moderno explicado à criança*. Lisboa: Dom Quixote, 1993.

Pinheiro, M. Reis, *Formas de interpretar “mito” em Platão e na contemporaneidade*, <Boletim do CPA>, Campinas n. 15, 2003.

Mancini, B.; Battistin, F.; Marini, G. *Le domande della filosofia*. Milão: La Nuova Italia, 2002. Vol. 1.

³⁵ O físico em questão era C. F. Von Weizsacker e a anedota é citado por H. Blumemberg 1988, p. 160.